

Prostituição. As brasileiras continuam a ser as principais vítimas do tráfico sexual para Portugal. Mas, um estudo de investigadores da Universidade de Coimbra, a ser publicado amanhã, revela um dado novo: as asiáticas estão na rota. Sobretudo, para casas particulares. Este tipo de prostituição, aliás, está a aumentar

Chinesas entram na rota do tráfico sexual para Portugal

Naturais de Cabo Verde e Serra Leoa também apanhadas

PAULA CARMO

O fenómeno é ainda pouco conhecido mas já começa a ser sinalizado pelas autoridades portuguesas: Portugal entrou na rota do tráfico de mulheres chinesas para a exploração sexual. Apesar de o tráfico de mulheres brasileiras ser ainda dominante, um estudo apresentado à Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, da autoria de investigadores do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a que o DN teve acesso, dá conta de um fenómeno novo: "A inserção de mulheres asiáticas no mercado de prostituição em Portugal", sobretudo oriundas da China.

Por agora, estas mulheres, que en-

tram no País de avião, escondem-se, ao jeito de sombras humanas, em "apartamentos de casas particulares", como refere o estudo conduzido pelos sociólogos Madalena Duarte, Boaventura de Sousa Santos, Conceição Gomes e Maria Ionnis Baganha.

Por ser um fenómeno que começa agora a ter expressão, a realidade das mulheres asiáticas é ainda muito difícil de caracterizar. Numa das entrevistas efectuadas a um agente policial, este relata que o tráfico de mulheres chinesas "não entra no circuito visível". Diz esta fonte aos autores do estudo: "Não é prostituição de rua, nem é de alterne, é normalmente prostituição de apartamento, casa de massagens, com contacto de telemóvel ou de Internet. E, se se consegue marcar uma hora e ir lá ao local, aparecem-nos algumas asiáticas. (...) Ai percebemos que o cliente não é só o cliente asiático, este aparece em minoria, muito pontualmente. Aparece, também, o cliente português. Aparecem,

igualmente, alguns clientes estrangeiros, de outras nacionalidades."

"Resulta do nosso estudo que a prostituição em apartamentos e casas particulares tem vindo a conhecer um progressivo aumento nos últimos anos. Por duas razões essenciais: por um lado, permite um maior anonimato, por outro, por ser de mais difícil detecção pelas polícias", explica ao DN a socióloga Madalena Duarte.

Brasileiras no topo

As vítimas de tráfico para exploração sexual em Portugal continuam a ser as brasileiras (80%). Entram via Madrid e Paris. Mas, as autoridades começam a sinalizar casos em que a entrada se faz por cidades alemãs e italianas. A presença de mulheres recrutadoras é significativa no que se reporta às mulheres vindas do Brasil.

As nigerianas estão também a ganhar "posição de relevo" na rota do tráfico. Como ainda, no que a África diz respeito, as mulheres oriundas de

Brasileira, entre os 22 e os 30, solteira

A vulnerabilidade no país de origem parece ser o denominador-comum das mulheres estrangeiras que alimentam a indústria do sexo em território nacional. São jovens, muito jovens. A exigência vora dos clientes prefere as mais novas. Algumas deixam filhos nos seus países. No topo da lista das nacionalidades, estão as latino-americanas, com destaque para as brasileiras. De acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o perfil da vítima de tráfico em Portugal é: "Mulher brasileira, entre os 22 a 30 anos, solteira com nível médio de instrução (equivalente ao 12.º ano de escolaridade em Portugal) e emprego no sector terciário no país de origem, oriunda maioritariamente do estado de Goiás, viajando pelos próprios meios e de livre vontade para Portugal." Os investigadores do CES também concluem que "a maior parte das mulheres brasileiras deu o seu consentimento para trabalhar na prostituição como estratégia migratória". Por ordem decrescente de fluxo migratório, estão as cidadãs da Europa de Leste (sobretudo romenas) e as africanas. O fenómeno novo chega, agora, da Ásia.

TIAGO MELO

Cabo Verde e da Serra leoa. O tráfico com origem na Europa do Leste, que assumiu expressão considerável em anos anteriores, foi, segundo o estudo, estancado pelas autoridades, em parte por causa do combate às mafias de Leste e à imigração ilegal. As que ainda entram em Portugal chegam sobretudo no automóvel do próprio grupo recrutador (ver perfil ao lado).

Ao contrário das chinesas, as formas de prostituição a que estas mulheres se dedicam – brasileiras e africanas – são sobretudo as praticadas na rua, bares de alterne e clubes, apartamentos, casa de massagem e convívio, automóvel e angariadas pelas agências de acompanhamento.

Portugal continua, assim, a fazer parte das rotas da escravatura sexual à dimensão global. Esta é uma indústria quase invisível que se vai adaptando às leis da oferta e da procura, fazendo com que as mulheres-objeto sejam protagonistas de uma rotatividade no território nacional.

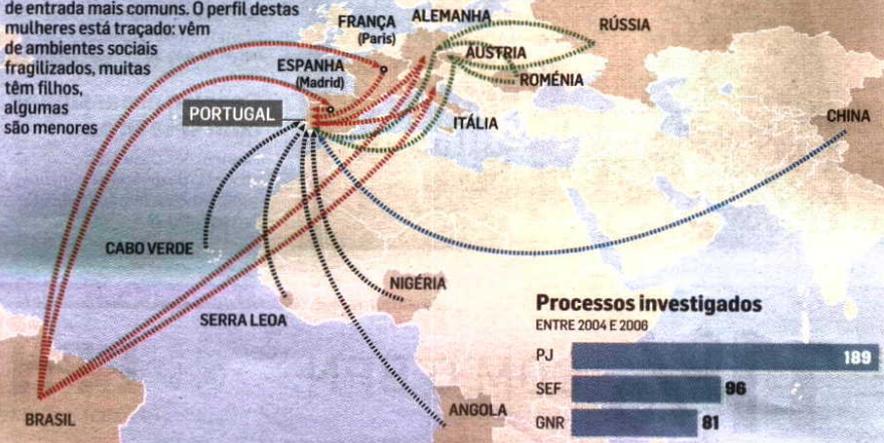
Na elaboração do estudo, os investigadores estiveram em casas e bares de alterne, entrevistaram juristas, polícias e magistrados. Consultaram anúncios de jornais, falaram com ex-prostitutas, ex-traficantes (ver caixa ao lado) e organizações não governamentais. ■

OS VÁRIOS 'DISFARCES' DOS RECRUTADORES

Muitas vezes os agentes da autoridade que investigam os casos de tráfico – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (imigração ilegal), PSP, GNR ou Polícia Judiciária – não têm qualquer registo criminal dos recrutadores e estes são geralmente pessoas da confiança das mulheres vítimas de exploração sexual que chegam a Portugal. Mas as dificuldades para o trabalho das polícias não se ficam por aqui. As diversas fórmulas para os recrutadores encontrarem mulheres para a exploração sexual atingem vários níveis de disfarce. Tais como anúncios de jornal com falsos empregos e falsas agências de viagem. A dificuldade nesta investigação está ainda no facto de os recrutadores colocarem as mulheres a trabalhar paralelamente, segundo o estudo, em outras áreas da indústria do sexo, como dançarinas, actrizes de filmes pornográficos, acompanhantes ou strippers.

Proveniência das vítimas

China é o novo local de eleição para as redes de angariação e tráfico de mulheres para prostituição. Tem ainda pouca expressão, mas é um fenómeno que começa a ser sinalizado pelas autoridades. Ainda assim, a maioria continua a chegar da América do Sul, principalmente do Brasil, fazendo a entrada por outros países europeus. Madrid, Paris e algumas cidades alemãs, italianas e austríacas são as portas de entrada mais comuns. O perfil destas mulheres está traçado: vêm de ambientes sociais fragilizados, muitas têm filhos, algumas são menores



É difícil perceber como actuam os traficantes

Qual foi a maior dificuldade que encontrou ao realizar este estudo?

Lidar com a opacidade do fenómeno do tráfico de mulheres. Mesmo as fontes policiais têm dificuldade em identificar as vítimas de tráfico sexual. É difícil distinguir entre a prostituição voluntária e a forçada. Também foi difícil perceber os mecanismos deste fenómeno, designadamente, por exemplo, como actuam os traficantes.

Mas quem são as verdadeiras vítimas?

São, em primeiro lugar, as mulheres enganadas. Mesmo as que chegam a Portugal para se prostituírem não imaginavam, quando aceitaram a proposta que lhes foi feita, que seriam privadas da sua liberdade e sujeitas a ameaças, essas, também são vítimas. Neste último caso, a ajuda está-lhes mais dificultada.

O Brasil é o maior mercado de recrutamento para a prostituição em Portugal. Será porque falam a mesma língua?

Esse também é um dos motivos, mas não é o único. Com as mulheres brasileiras, o modo de organização e recrutamento é o mais simples. Muitas vezes, os recrutadores recorrem a familiares e amigos das vítimas. ■

Elas também recrutam ...

Os traficantes são peritos em desenvolver a cultura do medo e conhecem a actuação da polícia. Têm idades variadas, mas os mais referenciados têm entre 30 e 50 anos. O negócio tem vários tentáculos. Podem ser "máfias" ou esquemas mais rudimentares. Diz o estudo do CES: "Grande parte dos entrevistados entende que o crime de tráfico sexual em Portugal é praticado sobretudo por grupos com uma estrutura menos pesada." Conhecidas as fontes de recrutamento no estrangeiro, o traficante português estabelece parcerias com cidadãos do país das vítimas. O perfil do traficante português revela que "na maioria dos casos são donos dos estabelecimentos a quem cabe coordenar as actividades e os lucros delas resultantes, estando envolvidos ainda noutras funções, como segurança, transportadores (por exemplo, motoristas ou taxistas)". Há mulheres também a fazer recrutamento e "em alguns casos, traduz-se ou é resultado de um envolvimento afectivo e sexual com aqueles que controlam a actividade criminosa".

Vítimas são com frequência objecto de violência

Anonimato. Investigadores falaram com fontes forenses. Os casos são reais mas os nomes são fictícios

Maria, solteira, nascida em 1978, no Brasil. Entrou e saiu de Portugal várias vezes. Teve um filho de Ricardo e deixou de "trabalhar", em virtude de se ter zangado com Ricardo. Este cortou-lhe o cabelo com uma tesoura, depois de lhe ter batido em várias partes do corpo, designadamente na cara, chegando mesmo a desmaiar e a ficar com a mão cheia de sangue. A descrição da violência servil não pára aqui. Este é o oitavo caso descrito pelo estudo do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual em Portugal. Nele, outras mulheres foram vítimas. Como é o caso de Marlene, também solteira, nascida em 1978, no Brasil, em Belo Horizonte. Recebia 800 reais como

empregada de sapataria. Pretendia viver melhor e veio para Portugal, sabendo o trabalho que viria desempenhar. À chegada teve de entregar o passaporte e no dia seguinte viajou para os Açores, a expensas do grupo que a recrutou. Esteve naquele arquipélago um mês e 20 dias, onde fez *striptease*. A sua remuneração li-

mitou-se ao *cachet*, por não saber dançar. Andarilhou por várias casas sem autonomia própria. Tal como Carlota, nascida em 1982, no Brasil. Já conhecia Portugal no último trimestre de 2002 e, em Janeiro de 2006, estava a trabalhar, tendo a sua viagem sido paga por uma sociedade. Esta mulher, diz o estudo, "tinha instruções para não revelar a razão de ser da sua presença em qualquer estabelecimento do grupo, nem tão-pouco mencionar as circunstâncias da sua vinda e os motivos por que permanecia no País. Foi-lhe também dito que, quando fosse interpelada por qualquer autoridade sobre a sua subsistência, devia dizer que vivia das gorjetas que lhe eram dadas pelos clientes dos estabelecimentos e

nunca que trabalhava nelas". Estas mulheres estiveram à mercê de um grupo organizado de oito indivíduos, incluindo uma mulher que secretariava a selecção e a distribuição das raparigas por vários estabelecimentos no País. As mulheres chegavam em viagens intercontinentais indirectas, com escalas na UE. Nunca viajavam no mesmo voo. E mesmo os adereços para os *shows*, de modo a iludir a fiscalização, vinham na mala de viagem embulhados em papel de fantasia. ■

À chegada teve de entregar o passaporte

"Não eram tratadas como pessoas, mas como carne"

Histórias de tráfico. Também neste caso real, o nome dos intervenientes é encoberto pelos investigadores

A investigação deste caso levou a PJ a concluir que se trocavam e vendiam mulheres "quer entre membros da organização, quer a terceiros, obtendo lucros elevados". Os investigadores consideraram ainda que as vítimas se encontravam "destruídas, quer a nível psíquico e físico, não sendo tratadas como pessoas, mas como carne humana". Dois portugueses e uma angolana, companheira de um deles, no topo da hierarquia. Na mesma organização, com funções intermédias mais quatro indivíduos, também portugueses, entre os 25 e os 45 anos, que actuavam sob as ordens dos primeiros. Havia angariadoras no Brasil, sob orientação dos líderes portugueses. As mulheres chegaram via Aeroporto Internacional de Madrid, onde na grande maioria dos casos as esperava um taxista de confiança.

É o início de uma história com muitos horrores. Algumas raparigas só quando foram recebidas pelo casal, é que ficaram a saber o seu destino: a prostituição. Eram-lhes retirados os do-

documentos e dito que tinham uma dívida (entre 2500 a 3000 euros) a título de reembolso das despesas da viagem. Sempre vigiadas por seguranças tinham, inclusivamente, as chamadas telefónicas limitadas. Não podiam sair sozinhas. Muitas relataram que eram obrigadas a fazer sexo todos os dias do mês, incluindo durante a menstruação. Em média, cada acto sexual só podia durar 20 minutos. Caso contrário, eram-lhes aplicadas multas.

Parte dos implicados nesta rede foram detidos preventivamente, mas continuaram a recorrer a terceiros para prosseguir a actividade. Diana, Iva e Rute, brasileiras, disseram à polícia que tinham vindo para Portugal para traba-

lhar no ramo da restauração. Puro engano. O mesmo sucedeu a Marta: "Eu não vim pensando fazer isso! Você era obrigada a ir, querendo ou não querendo, ou então chegava em casa e ele brigava com a gente, maltratava e lá ele queria, todos os dias, tínhamos de dormir de porta trancada, não tinha uma janela, não tinha nada." O seu relato, de agressões físicas a ela e a outras mulheres, impressiona. Marta conseguiu fugir deste inferno com a ajuda de um cliente. ■

Marta conseguiu fugir, traficantes foram presos

Portugal entra na rota do tráfico sexual chinês

Chegam de avião, são colocadas em apartamentos ou casas de massagem clandestinas e quase nunca saem à rua. Este é o novo fenómeno do tráfico sexual de mulheres chinesas que chegou a Portugal e está já a preocu-

par a policia portuguesa, segundo um estudo feito pela Universidade de Coimbra. Esta investigação caracteriza o tráfico humano para Portugal. Os clientes que as prostitutas chinesas recebem são também chineses,

mas já há muitos portugueses e estrangeiros. O que torna muito difícil a investigação da actividade é o facto de ser desenvolvida em segredo, em apartamentos particulares, que vão mudando. O estudo de Coimbra diz

que a maior parte das prostitutas continua a chegar do Brasil, embora já haja também africanas da Nigéria e da Serra Leoa e até começam a aparecer mulheres de Cabo Verde.

Actual, págs. 2 e 3